Ilustração Portuguesa
2.ª Série

27 DE JANEIRO DE 1923

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 49—LISBOA

Numero avulso, 1$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HESPANHA: Trimestre *13$00*. Semest. *26$00*. Ano *52$00*—COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre *28$50*. Ano *57$00*.—ESTRANGEIRO: semestre *36$00*. Ano *72$00*.

DENTIFRICOS
DOS RR PP
BÉNÉDICTINS
DE SOULAC

ELIXIR
PÓ
SABÃO
EM CAIXAS DE ALUMINIUM
PASTA
EM CAIXA E EM BISNAGA
PASTA-SABÃO
EM CAIXA E EM BISNAGA

REELLEMENT FRANCAIS

PO
PASTA ou PASTA-SABÃO
PASTA ou PASTA-SABÃO
SABÃO
CAIXA ALUMINIUM

A' venda em todas as farmacias e casas de perfumaria.
Representante e depositario para Portugal:
A. VICENT, Rua Ivens, 56. 2.º, Lisboa — Tel. Cent 1858

Quereis ser um bom guarda-livros?

Requisitai matricula no **Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia**, Largo Trindade Coelho, 6, Lisboa. Os prospectos d'êste Instituto são remetidos gratuitamente a quem os requisitar.

Corôas
Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na
Camelia Branca
L.ª D'ABEGOARIA, 50
Rua Chiado 1 - Tel. A 1270

A'S MAES

QUE CUIDAM da saude dos seus filhos aconselhamos a *Farinha Lactea Cister*, unico alimento completo e que, pelo seu esmerado fabrico, aliado á modicidade do seu preço, rivalisa com as estrangeiras. A' venda em todas as mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:
BORGES, MARQUES & C. Lt.ª
Rua Arco Bandeira 159

MAQUINAS DE ESCREVER
Novas e usadas. Reparações e reconstruções garantidas. Acessorios. J. Anão & C.ª, Ltd.ª. R. FANQUEIROS, 376, 2.º.—Tel. 3536 N.

DENTES ARTIFICIAES
Extrações sem dôr corôas d'ouro, dentes sem placa.
R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
Fazem-se nas oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

TODOS OS "SPORTS"

O desafio de *foot-ball* entre o Imperio Lisboa Club e o Belenenses Foot-Ball Club, do Campeonato da 1.ª Divisão, foi jogado, no passado domingo, no campo das Laranjeiras, cabendo a victoria a este ultimo grupo por 2 bolas a 1. Foi um pouco depois da hora marcada que o arbitro deu começo ao desafio. Durante toda a primeira parte dominaram os Belenenses, que conseguiram a sua primeira bola, marcando uma grande penalidade. No segundo tempo, ainda foram os Belenenses que primeiro conseguiram furar as redes do adversario, com uma bola derivada de outro *penalty*. Os homens do Imperio redobraram, então, de energia, sendo o meio ponta esquerda, Virgilio Fernandes, que rematou a passagem, que deu a primeira e unica bola a este *club*.

O *match* não despertou grande interesse, tendo sobresaído o jogo do Imperio, que está trabalhando de tal modo que, de dia para dia, se acentuam, extraordinariamente, as suas melhores condições. A victoria dos Belenenses, 2 *goals* a 1, sobre um *club*, que até aqui tem sido considerado nitidamente mais fraco, não é muito lisongeira. Muito antes pelo contrario. Os Belenenses, que conseguiram marcar o seu logar entre os nossos melhores *clubs*, não por simples acaso, mas, porque o mereceram de facto, não estão trabalhando bem, e os seus ultimos desafios teem demonstrado uma grande falta de coesão no jogo dos homens do seu 1.º *team*. E' pena que muitos grupos de incontestavel valor se deitem á sombra dos loiros já colhidos, e descurem o treino e o admiravel *talent de bien faire*...

A linha do Imperio portou-se galhardamente, defendendo com coragem. O guarda-rede deste *club* teve mesmo boas defezas.

Os dois *goals* dos Belenenses foram metidos por Azevedo e Alberto Rio, como acima dissémos, marcando duas grandes penalidades.

— Ao seguir ao *match* Belenenses-Imperio, jogaram, no mesmo campo, as primeiras categorias do Club Internacional de Foot-Ball e do Sport Lisboa e Bemfica, desafio em que este *club* bateu o primeiro por 3 *goals* a 1. O Bemfica começou a dominar logo no principio do jogo, dando assim origem a que a defeza do Internacional trabalhasse activamente.

Pouco depois, conseguiu o Sport Lisboa e Bemfica a sua primeira bola, metida por Ilidio Moura. Foram marcados dois *corners* contra o Internacional, sem resultados. Crisostomo, do Bemfica, conseguiu, então, a segunda bola a favor do seu *club*. A seguir coube a vez a Couto, do Internacional, de furar as redes dos *vermelhos* com a primeira e unica bola a favor do seu *club*.

No segundo tempo acentuou-se o dominio dos homens do Internacional, que no entretanto falharam varios remates. Ainda lembraremos os nomes de Guimarães, que se portou á altura dos seus meritos, tendo felizes intercepções, e de Fernando de Jesus, que jogou muito bem.

— Tambem se realizou, no passado domingo, no campo do Hockey Club de Portugal, o primeiro desafio para a disputa da taça *Patria*, oferecida pelo mesmo *club*. O Hockey Club de Portugal conseguiu bater o seu adversario, o Olimpico Club Português, por 8 bolas a 1.

MANUEL QUEIROZ

Vencedor do Campeonato Nacional de Florete

— Excelente victoria obteve o Nuremberg, campeão da Alemanha, que venceu, na capital espanhola, o Real Madrid, por 3 *goals* a 0.

— E' ámanhã que, em S. Sebastian, se realiza o desafio internacional Espanha-França. Segundo consta, do *team* representativo da França fazem parte, além de Chariquées, Dufour e Nicolas, jogadores de grande valor. O resultado deste *match* interessa-nos sobremaneira, pois nos servirá, ainda que por alto, para termo de comparação com o resultado obtido, na tarde de 17 de Dezembro, no ultimo desafio Portugal-Espanha.

— O magnifico esgrimista, dr. Manuel Queiroz, mais uma vez afirmou o seu valor, conservando a primeira classificação no Campeonato Nacional de Florete. O resutaldo das finais do Campeonato foi o seguinte: Dr. Manuel Queiroz, com 7 victorias e nenhuma derrota (1.º classificado); Albano Prazes, com 6 victorias e 1 derrota (2.º classificado) e capitão Sacramento Monteiro, com 5 victorias e 2 derrotas (3.º classificado). Estes dois ultimos concorrentes realizaram um assalto de desempate, que despertou grande interesse.

— O Campeonato Regional do Sul, efectuado no hipodromo da Sociedade Hipica Portuguêsa, teve os seguintes resultados:

1.ª prova (colectiva) — 1.º premio: *equipe* da Escola de Equitação: capitão Botelho, no *Gafanhoto*; tenente Figueiredo, no *Alvear*, e tenente Cunha, no *Kionga*.

2.ª prova (individual) — 1.º premio: tenente Cunha, no *Kionga*; 2.º premio: tenente Figueiredo, no *Alvear*, e 3.º premio: tenente Quaresma, na *Miss*.

— O Hockey Club de Portugal realizou, no *rink* do Liceu Passos Manuel, uma *gimkana* que decorreu muito animada, depois da qual se jogou um renhido *match* de *hockey* entre as 1.ª e 2.ª categorias daquele *club*.

— Jack Dempsey terá, dentro em pouco, de se defrontar com um novo *boxeur* americano, peso pesado, Floyd Johnson, que, não obstante o seu pouco tempo de *ring*, tem conseguido excelentes victorias. A ultima sobre Bill Brennan, no Madison Square Garden, de New-York, deu-lhe o logar de *challenger* do campeão do mundo de *box*.

— O conhecido *boxeur* francês, Jorge Carpentier, assinou um contracto, pelo qual combaterá Joe Becket, campeão de Inglaterra, pesos pesados, caso este consiga derrotar Dick Smith no *match*, que se realiza depois de ámanhã na capital inglesa.

— O campeão da Europa, meios-leves, Eugéne Criqui, já não combaterá Johny Kilbane, para a disputa do titulo de campeão do mundo, devendo dentro em breve encontrar-se com Danny em Londres.

D. C.

O LAR

MENUS DA SEMANA

Domingo

Almoço
Arroz à moda d'hotel
Pirâmide de Chaves com macarrão à italiana
Café com leite

Jantar
Sopa de tomate
Pastéis de miolinho
Bisteck à ref com batatas cozidas e cenoura frit
Pudim de ovolíos

Segunda feira

Almoço
Arroz de couve lombarda
Marcelin frios com batatas
Café com leite

Jantar
Sopa de alface
Croquetes de camarão
Frango assado com molho de alface
Pudim de pão

Terça feira

Almoço
Rim de porco no espeto com salada de batata
Broinhas cozidas com ovos e vinagre
Café com leite

Jantar
Sopa de legumes
Peixe de mar com batatas e cenoura
Carne assada com molho de agrião
Arroz doce

Quarta feira

Almoço
Figado de vitela na frigideira com batatas
Ovos escalfados sobre fatias de salame
Café com leite

Jantar
Sopa de tapioca
Linguado à italiana
Coelho assado
Pudim de ovos

Quinta feira

Almoço
Salmão à maître d'hotel
Ovos à americana
Café com leite

Jantar
Sopa creme d'arroz
Brinchos de batata
Lombo de porco assado
Espinafres com molho branco
Pudim de marmelada

Sexta feira

Almoço
Salsichas com ovos fundidos
Coroaas frias com molho de cenoura
Café com leite

Jantar
Sopa de nabos
Peixe cozido
Chuchus de porco gratinado com grelos
Doce de abóbora

Sábado

Almoço
Peito de vitela à portuguesa
Pastéis de legumes
Café com leite

Jantar
Sopa d'ervas
Omelete de porco com purê de legumes
Fumeiros frios com molho de alface
Pudim de laranja

O GUARDA-VESTIDOS MODERNO

O guarda-vestidos moderno é um móvel mais complicado que o que parece, a nossa gravura o mostra. Em primeiro lugar e fundo, mais fundo mesmo do que parece, se fatos alinham-se no sentido da profundidade, como antigamente se fazia no sentido do comprimento. Não tem gavetas em baixo e que é uma vantagem.

Não nos obriga a curvar para procurar o aquele casaquinho-gravata, as vezes tem que nos ajoelhar, o que incomodamos e deixa a mesma altura o calçado e a escolha do vestido que queremos usar.

Em compensação, à mesa direita temos todo o que necessitamos, porque está guarda vestidos tem em si uma vermelcim comada com todas as suas gavetas e arrumações. Gavetas para chapéus, um bidéo, e para calcinha. Gavetas para camisas, camisolas e cueiras. Para lenços, tabelinhos para punhos, colarinhos, suspensórios para gravatas, arrumações para meias e punhos, tudo conforme o que se necessita. E', bem se vê, um movel um pouco pessoal e desengonçado, tendo, mas é excessivamente cômodo e pratico porque reune as vantagens de tudo, nem menos, pois que os artigos da toilettes tambem ali tem a sua arrumação.

Vale a pena, pois, considerar nas suas vantagens, visto que se pesa defeito não ocoas ôbstima. A não ser o do preço.

Esse é que deve ser maximo. Moveis furnitur não ha o um simples banco de cozinha custa hoje mais do que uma mobília toda ha vinte anos. E se não é assim pouco lhe falta....

MALES DA ESTAÇÃO — AS FRIEIRAS

Nos últimos dias tem feito um frio verdadeiramente siberiano. Ora o frio e as resultanas alterações da temperatura são a causa das frieiras, afecção inflamatória da pele, caracterizada pela côr vermelha e pela tumefação da parte enfermas, que lhe tambem uma comichão verdadeiramente diabólica. Nascem as frieiras nas mãos, nos pés, na nariz, nas orelhas e algumas vezes nos cotovelos e joelhos.

A frieira nascendo aumenta-se pelo calor e vermelhidão da pele acompanhada de comichão. Então sinceramente manifestam-se escoriamente a coitos, ao apertarmos os pés ou as mãos do fogo.

Quando se alandeira a frieira e si mesmo, segue a sua marcha inflamatória. O calor e a vermelhidão aumentam de intensidade: a comichão, que no principio se sentia, torna-se cada vez mais viva; chega a ser insofrível, e não se pode resistir à necessidade imperiosa de coçar-se. O coçar é sempre nocivo, porque pode chagar a frieira e dar logar a uma úlcera.

Sendo se tem cuidado de conter a marcha da frieira, a inflamação aumenta, a pele passa successivamente da côr vermelha de púrpura ao vermelho violaceo, tomando por fim um tom jaspeado e livido e então as dôres são pungitivas e atroadoras.

Quando a frieira tem chegado a este ponto, levanta na epiderme pequenas vesículas cheias de serosidade verdosa e que formam, ao rebentar, outras tantas ulcerações, de bordos irregulares, de côr violacea.

Estas ulcerações, se se descuidam podem rapidamente progredir, atacando a epiderme da derme, os musculos, os tendões e até os ossos. Tem-se visto frieiras ulceradas que produziram a gangrena, causando a morte.

Como se vê, a sitil não descurar as frieiras e tratal-as apenas aparecem.

Para as frieiras dos pés o seguinte pediluvio:

Casca do carvalho	500 gramas
Agua	8 litros
Vinho	2 »

Ferva-se até estar reduzido a 2|3 e acrescente-se-lhe

Pedra hume	30 gramas

Banhe cepois mais bem. Dois ou tres banhos bastam para curar as frieiras.

Contra as frieiras que começam a aparecer é bôa a seguinte pomada:

Chlorete de cal	4 gramas
Borax	4 »
Mastelga de porco	60 »

Misture-se em almofariz e faça-se uma pomada. Esfregam-se as frieiras de manhã e de tarde e envolve-se a parte com um pano fino.

Para as frieiras ulceradas é boa a receita seguinte:

Folhas de marmeleiro	
Folhas de maçã esphelhas	
Folhas de salgueiro	
Folhas de vinha brava	

um punhado e meio de cada

Mastelga fresca	125 gramas

Ferve até que desapareça a humidade, coe-se e coloque-se em potes até estar necessário. Depois levar a parte ulcerada com agua de vegetal-mineral diluida.

Ruibarbo: os flos dito como a folhas podem tratar das suas frieiras, levantando manzia que irrita, abrasa e estraga a pele, preocupando a alma. E se combinar a ter frieiras ou é por que quer ou porque se não dá ao cuidado em seguir os nossos conselhos. E, n'esse caso, não tem mesmo nada que se queixar de não. Se se seguir, muito ao contrario, fora que nos agradecer.

A NOSSA CULINARIA — PUDING DE PÃO E LARANJA

Quando se diz pôr uma passea a pão e laranja não se atrieve que a nossa pessoa ter feito muito saliente com a sua sorte. A pão e laranja é a mimana, na ultima extremidade, sem mais recursos do que casca—o pão e a laranja, coisas que entretanto formam bemsinhamos e que hoje existem assim um certo numerario para se comparem. Pois bitvez a leitora não saiba que com o pão e a laranja, não deprecisos infinitamente, se pode fazer um pudim cipiqueiro em gosto, em sabor e em doçura.

Tome-se:

100 gramas de miolo de pão seco	
200 gr. de assucar refinado	
4 gemas de ovo, grandes	
1 clara de ovo	
50 gramas de manteiga	
sumo de laranja e	
vidrado de laranja ralado que baste.	

Deita-se o assucar numa tigela apropriada e, por cima, um delicioso d'agua e leva-se a lume brando até ao ponto de espadana. Na calda deita-se o pão até que o mesmo fique homogeneo. Ao pão e calda deita-se a massa de lume, junta-se-lhe a manteiga derretida, o sumo de laranja e o vidrado ralado e mexe-se, deixando-se arrefecer. A' parte bate-se as gemas e as claras, fundindo-as na mesma. Deita-se as duas juntas com uma colher de pau e polvilhada com farinha e leva-se ao forno a cozer.

Pode juntar-se-lhe, querendo, uns bocadinhos de cidrão.

Aqui tem a nossa amavel leitora um pudim de pão e laranja que com um gosto nem um gosto nem um gosto nem deixará a pedir pão e laranja.

COMO SE ADAPTA UMA CASA DE JANTAR

Transformar um velho e comprido casarão n'uma confortavel casa de jantar não é das tarefas mais faceis a quem não seja dotado de um espirito crendor, ponderado e que tenha o verdadeiro sentido da decoração. Em primeiro logar uma larga mesa cerca meia casa. Depois umas cadeiras pratica para ter cada qual, em sua, tentando de prestos, arranjar onde a loura descanse, algum quando a propósito, um fogão ou o simulacro d'ele ao lado, pintura ou papel apropriado, cortinas nas janelas com côrtis côr e gosto, tudo isso fica de um velho casarão uma casa habitavel. O tecto envernisado ou pintado a castanho escuro, o soprate encerado na mesma côr e já as dimensões da casa parecem menores, e se ganhou em calor, em simpatia, em conforto. A gravura que damos hoje mostra-nos um casarão imenso que é bem gosto dos seus proprietarios transformou em local prazenteiro e agradavel.

UM BOM DEPILATORIO

Misture-se:

5 partes de sulfato de soda	
3 » de cal apagada	
6 10 » de amido	

que se conseguirá uns pós depilatorios que sem grande inconveniente para a pele conseguirão o ideal com o que se pretende, isto é, que tão cedo não tornem a nascer onde se pusgem sombra de pelo no cabelo, o que muitas vezes é não só desagradavel como incomodo.

CALENDARIO DA SEMANA

Janeiro—31 dias

31 — Domingo— Sta. Marta Madalena.
32 — Segunda feira — S. Apollinario
33 — Terça feira — Sta. Cristina.
34 — Quarta feira — S. Tiago.
35 — Quinta feira — S. Germano.
36 — Sexta feira — S. Pantaleão.
37 — Sabado—S. Inocencio.

Silva Poetica

Humildade...

Sou pequenina porque me não vês,
Sou pobre porque tu não me enriqueces,
Humilde porque tu não me engrandeces
Descendo á minha triste pequenez!

Sou pequenina porque me não vês...
Mas, como eu fôra grande se quizesses,
E linda me tornara se pudesses
Vir transformar o que o destino fez!

Não achas que o amor por si transforma,
Corrige, aperfeiçoa, toda a fórma,
Que pode, emfim, crear segunda vez?

Se pode! Olha a modestia d'uma cruz
Depois d'aquele abraço de Jesus,
Que grande, que sublime se não fez!...

Nunca me deste nada...

Passaste assim tam triste... que seria?
Tambem sou triste, sim, mas o meu mal
E' tam frequente, tam habitual,
Que ante os meus olhos já não tem valia!

Por mim, já nem me importo de alegria:
Na força enorme do meu ser moral
Encontro a minha dôr tam natural
Como se encontra a noite ao fim do dia.

Mas, ver-te assim não posso, que tristeza!
Andar minh'alma louca de incerteza
Querendo adivinhar o que sentiste!

Nunca me déste nada... Dá-me agora
O mal que no teu peito vive e chora,
E fica alegre, que eu já era triste!...

Dezembro de 1922.

MARTA DE MESQUITA DA CAMARA LIMA

EFEMERIDES DO ANO DE 1922

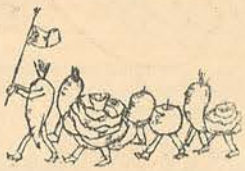
Seleccionadas por ZOILO

Ilustradas por BERNARDO MARQUES

SETEMBRO

Dá-se, no *dia 1*, a arribada do *Porto* ás Canarias, onde é muito bem recebido (com palmas e castanholas)...

...e, na *mesma data*, rebenta, por cá, a greve das ortaliças, contra um imposto camarario...



Em *4*, parte o *Lourenço Marques*, com o Comissario Geral da Exposição e mais pessoal tecnico, scenico e pirotecnico...

...em *5*, a carga do *India* arde mais uma vez...

...e sabe-se, em *8*, terem-se perdido, no Rio de Janeiro, as plantas dos nossos Pavilhões, nada mais se sabendo sobre os proprios Pavilhões, apezar da Exposição se ter inaugurado na vespera e haver-se afirmado, por varias vezes, que seriam inaugurados com ela...

Chega, finalmente, ao Rio, em *17*, o *Porto*...

...e, em *22*, chega tambem, ao mesmo Rio, o *Lourenço Marques*, com o Comissario Geral da Exposição e mais pessoal tecnico, scenico e pirotecnico...

Em *27*, embarca no Rio, de regresso a Lisboa, no *Arlanza*, o sr. Presidente da Republica...

...e o mez encerra-se, em *30*, ardendo, ainda mais uma vez, a carga do *India*...

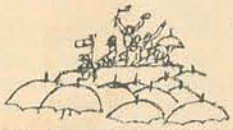
OUTUBRO

No dia *3*, são abolidas as barreiras da cidade...

...em *11*, chega a Lisboa o Chefe do Estado...

...e em *17*, com o resultado negativo do costume, um novo comicio se realisa, no Porto, contra a carestia da vida...

Em *26* tambem regressam os aviadores, por egual debaixo de chuva, como partiram, mas sem arco-iris, nem aeroplano... a bordo do *Porto* que, em atenção a eles, não arribou a porto nenhum, na viagem de regresso...

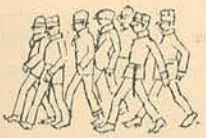


.. Em *27*, a carga do *India* torna a arder, para não perder o costume.

...e, em *30*, mais uma vez correm boatos de revolução, prestes a explodir...

NOVEMBRO

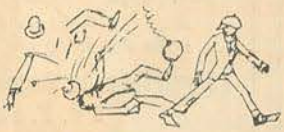
Adia-se, em *4*, a solução da crise ministerial, latente desde ha dias...



...e, em *10*, os boatos terroristas intensificam-se, realisam-se prisões, etc...

...mas em *12*, sempre se efectuam as eleições municipaes que facultam, aos monarquicos, a posse da tal famosa chave...

Em *21*, pois que ha muito não se falava em bombas, rebenta uma, na egreja do Socorro...



...e, em *26*, perante o resultado das eleições paroquiaes, os monarquicos convencem-se de que a tal chave lhes saiu... masculina!...

Em *27*, a declaração da crise ministerial torna-se inadiavel — e é chamado a Lisboa o sr. Lisboa de Lima, que, tal qual o sr. Afonso Costa, ainda não achou oportuno o momento de corresponder á chamada...

Em *28* os aviadores, carregados de gloria, são feitos doutores, com muito mais razão que outros... carregados de livros...

...e, finalmente, em *29*, organisa-se um novo governo, sempre da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, o qual, durando pouco mais que as estafadas rosas de Malherbe...

(Volte)

DEZEMBRO

...se declara em crise logo no *dia 2*, a pretexto d'uma surpreza parlamentar, menos preparada pelos adversarios presentes do que tornada possivel pelos correlegionarios ausentes...

Em *3*, os aviadores fazem a sua entrada triumfal no Porto...

...e, no *dia 7*, mais um gabinete, sempre da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, toma posse, atingido logo á nascença por doença que não tardará a victimal-o...

Regressam, a Lisboa, no *dia 8*, os aviadores, por pouco que não dando entrada no Limoeiro, visto terem sido surpreendidos a viajar, no comboio, sem bilhetes...

...em *14*, começa o julgamento dos oficiaes implicados no movimento revolucionario de 19 d'outubro, o qual movimento, pelo caminho que vão tomando as coisas, é de prever que venha a provar-se nunca se ter dado...

...surgem em *15*, os primeiros boatos de mais uma crise ministerial determinada pela tal doença—crise cuja solução se convenciona adiar para depois das ferias..

...e, em *17*, trava-se renhido combate, entre portuguêses e hespanhoes, no... Stadium, vencendo os hespanhoes, não porque jogassem melhor, mas porque Nosso Senhor não se dignou intervir, d'esta vez, em nosso favor...

No *dia 23*, de surpreza, quando todos menos o esperavam e como que por artes magicas, é inaugurado, na Exposição do Rio, o nosso Pavilhão de Honra...

...em *24*, a publicação da pastoral aos bispos e a aproximação da imposição do barrete ao Nuncio irritam cada vez mais monarquicos e radicaes, seus irmãos siamezes... espirituaes...

...em *26*, despede-se, epistolarmente, da pasta da instrução, e por causa dos referidos irmãos se oporem a que se ensine o Padre Nosso nas escolas, o sr. Leonardo Coimbra...

...mas a abertura da novissima crise é adiada para 1923, devido á demora do correio na entrega da epistola leonardica ao chefe do governo e da rapidez com que, em compensação, obrigou este a recolher ao leito (em *28*,) uma gripe que antes tivera, ela, vindo pelo correio...

Apezar d'isso, em *29*, mais uma vez se alvitra a salvação do país mediante um governo extrapartidario da presidencia do sr. Afonso Costa. Como se já tivesse chegado o momento oportuno...

...e finalmente, no *dia 30*, a auditoria administrativa anula as eleições administrativas em varias assembleias, que é como quem diz *apaga, para tornar a começar*, como o brejeiro do frade da anecdota... que não contamos cá por coisas...

E, com esta bregeirice e mais uma crise no chôco se encerrou o ano de 1922, no activo do qual o melhor que figura são as viagens ao Brasil dos aviadores e do Chefe do Estado, ao passo que, no passivo, o mais de admirar é a teimosia do sr. Antonio Maria da Silva em nos salvar, pela multiplicação dos ministerios, e o mais lastimavel a insistencia do sr. Afonso Costa em dizer que ha, mas estão verdes...

Casa Adão

Chás, cafés, licores, champagnes, vinhos do Porto e da Madeira da antiga casa

Ferreirinha da Regoa e F. F. Ferraz & C.ª L.da

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

76, Rua dos Retrozeiros, 78 e 75-2.º

Escritorio

Rua Augusta, 70-3.º

TELEFONE 1566-C

Barreto & Gonçalves

JOALHEIROS

17, R. EUGENIO DOS SANTOS, 17

Queiram V. Ex.as vir admirar o esplendido sortimento em joias, pedras preciosas e pratas artisticas.

Compram pelo melhor preço, ouro, prata, platina, pedras e joias antigas

Viana, Coelho, Almeida & C.ta

27 — PRAÇA LUIZ DE CAMÕES — 29

RUA DO LORETO — 1 a 9

Especialidades em artigos de mercearia, chá, café e artigos de confeitaria

O RETRATO

HAVIA seis mezes que eu conservava aquele retrato no meu «atelier» e era ele que me detinha em Florença.

Aos vinte seis anos, em pleno fulgor da curiosidade sofrega e divina, que me arrastava por todos os centros de arte da Europa, não me demoráranem nas Flandres, nem em Espanha, nem mesmo em Roma, ancioso por vêr tudo, conhecer todos os primores da pintura e da esculptura, para encher a memoria de visões perfeitas, antes de iniciar as grandes telas que sonhava. Pretendia visitar o norte da Italia em um trimestre para ganhar a Grecia e o Egypto, os berços sagrados de toda a civilisação.

Mas, em Florença, encontrára a duqueza de Campolongo e a sua beleza, revelando-me uma obra-prima viva, capaz de rivalisar com as Venus da Helliade e as Dianas de Roma, encadeára-me num deslumbramento. Ela notou a minha admiração e generosamente, como uma esmola magnifica, concedeu-me a mim, artista ainda desconhecido, a honra de fazer o seu retrato.

Mas exactamente quando eu terminava essa tela seu marido partiu com ela, para assistir, em Veneza, á posse de um novo doge.

Ficou, o quadro, no meu «atelier» e eu esperei, sem coragem para partir sem ter tornado a vêl-a.

A epoca era tumultuosa e sangrenta: os Medicis, no declinio de seu poder, sustentavam lutas crueis por todos os lados e eu sabia que o duque era um inimigo irreconciliavel dos dominadores ao tempo tão ameaçados.

Vira-o apenas uma vez, em uma egreja, e a sua silhueta déra-me a impressão de um «condotiere» feroz e ousado.

Teria ele entrado em alguma conspiração contra os Medicis e perecido ignoradamente em uma dessas «justiças secretas» tão comuns na epoca?

Começava a acredita-lo quando soube que o duque voltára ao seu palacio de Florença e reaparecera pelas ruas, mais sombrio e tacirurno do que nunca.

E a esposa? Teria voltado tambem? Mas, se assim era, por que não mandava ela reclamar a tela luminosa e soberba que conservara a sua imagem?

Sem me atrever a indagar no palacio, esperei. De resto essa espectativa embalava-me com singular doçura, porque eu passara aqueles mezes em sonhos loucos mas deliciosos. Tinha diante de mim a beleza maravilhosa da duqueza

de Campolongo e podia contemplal-a, saciar os meus olhos durante horas inteiras, imaginando o que seria a ventura de possuir o amor de uma creatura tão divinamente formosa...

Uma noite fui despertado por um rumor insolito. Alguem andava no meu «atelier».

Empunhei uma pistola e lancei mão de um candelabro. Mas hesitei, ainda antes de abrir a porta. Ouvia um rumor esquisito... um rangido singular... Decidi-me de subito. Entrei.

Um grito inarticulado ergueu-se da escuridão e ouvi a queda de um corpo.

Mas vira apenas uma cousa: o vulto que cahira, estivera diante do retrato da duqueza de Campolongo. Corri para a tela e recuei tremulo de horror e indignação, encontrando-a barbaramente lacerada, rasgada e destruida, especialmente no rosto lindo.

Quem poderia ter cometido esse crime horrendo?

Voltei-me e divisei uma forma humana estendida de bruços no soalho, com a cabeça entre as mãos. Era uma mulher e não se movia. Segurei-a por um braço, sacudi-a com força.

Ergueu-se e, antes de vêr-lhe o rosto, antes de ouvir-lhe a voz, reconheci o corpo airoso de donaire sem egual. Imobilisado pelo espanto, esperei e ela, erguendo a mascara, que trazia, mostrou-me as faces disformes, rubras, inflamadas e cruzadas por imensas cicatrizes escuras.

Balbuciante, explicou: O duque surpreendera-a em flagrante delicto de infidelidade e castigára-a assim, destruindo-lhe a beleza.

— E eu não quero... — concluiu ela — não quero saber que fui bela, não quero que saibam que pude ser amada.

(De René Bizet).

—Agua, Creme e Pó d'arroz—

——Rainha da Hungria——

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam teem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doencas de couro cabelludo em todas as idades e em todos os casos.

TINTURA V LDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio V.ldizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depil torio el ctrico radica e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scient fica de Beleza

DIRE_TORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23 *Telefone 3614-N.*

Bebam Agua de S. Marçal

TELEF. BELEM, 92 TELEF. C. 1566

Ilustração Portugueza

2.ª SÉRIE 27 — JANEIRO — 1923 N.º 884

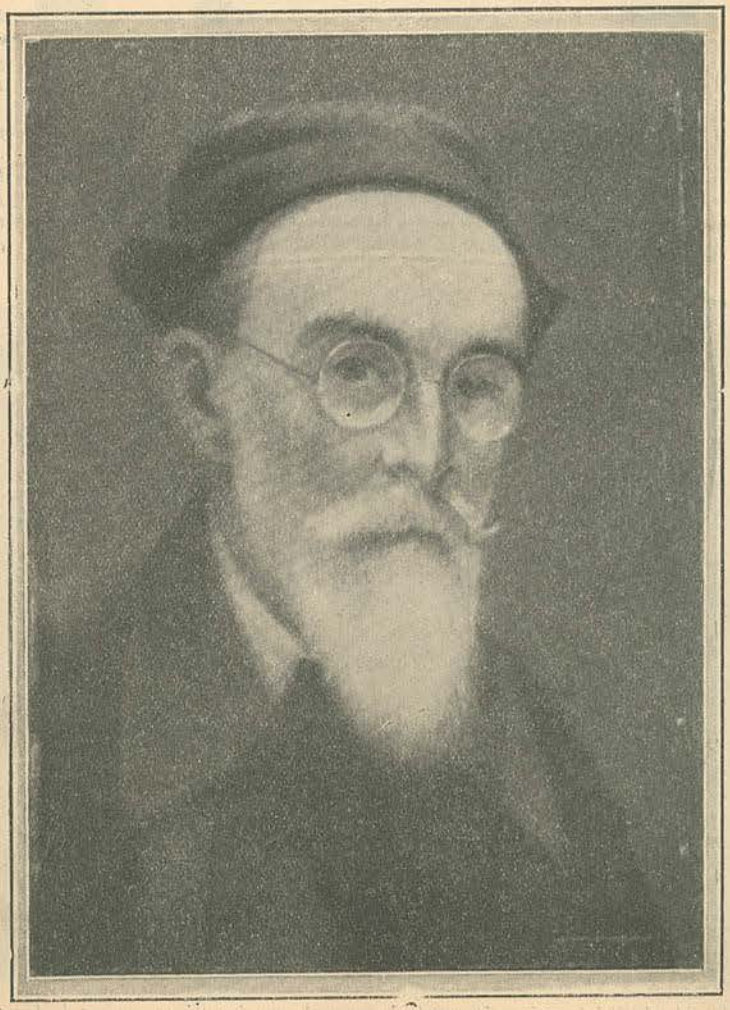
UMA FESTA DE ARTE NO PORTO

O JUBILEU ARTISTICO DE ARTUR LOUREIRO

CINCOENTA ANOS DE TRABALHO E BELEZA

CELEBRANDO, numa festa de emoção e de ternura, o jubilieu artistico de Artur Loureiro, os amigos e discipulos do Mestre Pintor, que, outro dia convocaram tudo que no Porto, cultuando a arte, honrando o trabalho, admirando a beleza, cultua, honra e admira as autenticas glorias da sua terra, não esperavam, certo, que resultasse tão brilhante e tão fundo calasse na alma vibratil da multidão, a singela e expressiva apoteose do pintor inegualavel que, ha cincoenta anos, em 1873, iniciou a sua carreira, desistindo do concurso para pensionista do Estado, deixando, depois das provas feitas, o compo livre ao camarada Silva Porto.

Fazendo-lhe a consagração ao abrir no atrio da Misericordia a exposição dos seus quadros mais recentes, o Porto inteligente e culto, que ha setenta anos o viu nascer ali ao alto do Bomjardim, na lendaria e velha botica dos Loureiros, e que, tendo-o visto, ha cincoenta, desistir, acolá no pardieiro de S. Lazaro, a favor dum camarada, das vantagens quasi certas e seguras dum concurso em que as provas estavam dadas e a decisão do juri começava a abalar-se, o Porto inteligente e culto, ha muitos anos que admira Artur Loureiro, agora mirrado e sequinho, na alvura apostolica das suas barbichas brancas, como o Patriarca das Artes, o avô dos seus Artistas, nimbando-o uma aureola de beleza e bondade, porque de bondades e belezas tem sido esmaltada e entretecida a linha calma e radiosa da sua arte, atravez das borrascas aventurosas duma longa vida sem maculas e sem manchas, sempre cristalina e sempre pura.



ARTUR LOUREIRO (auto-retrato)

Doentito, com uma gripe ligeira e uma modestite aguda, não houve maneira de o arrancar do leito, naquela ensolada manhã da sua festa: — *Não faço falta... Não faço falta... Vae o Costa, o meu mestre Costa, e, fazendo a minha festa, festejemno a ele, porque tudo quanto sou ao Costa o devo e tudo quanto lhe façam não paga o que o Costa por mim sempre fez...*

E, festejandose, com palmas e flores, com as belas e sentidas palavras do orador de raça e de sentimento que é Alfredo de Magalhães, com as lagrimas que marejavam muitos olhos lindos e com a alegria que palpitava em todos os corações, festejando-se o mestre Antonio Costa, o velho mestre do mestre Artur Loureiro, o Porto, inteligente e culto, passou

em reverente e devota romagem de extasi e admiração, ante as telas supremas do grande artista, veras maravilhas duma palheta prodigiosa, que, aos setenta anos, tem o vigor e a frescura, a possança e o brilho da eterna juventude e o talento masculo e eterno dum artista sempre moço.

Admirando a meia centena de telas do mestre, que o requintado gosto artistico do ilustre professor Candido da Cunha dispôz com maestria e carinho por entre as colchas e verduras do atrio da Misericordia, o Porto, inteligente e culto, durante a festa e nos dias subsequentes da exposição, tem tido momentos de indizivel e inefavel goso espiritual diante da miraculosa poliformia do talento pitorico de Artur Loureiro, que, como paisagista, como marinista, como florista, como animalista se excede a si mesmo, de tela para tela, em verdadeiros assombros de tecnica e de perfeição, como mestre pintor em todos os generos, grande em toda a parte e em todos os tempos.

E é com devoção, com orgulho de bons e honrados tripeiros, que todo o Porto, inteligente e culto, tem estes dias recordado as fases todas dessa longa vida dum santo velhinho de setenta anos, — a que o Estado cobra todas as contribuições mas para quem o Estado não teve ainda uma das suas veneras — e que festeja, rijo e fero, o seu jubileu, belo e honrado jubileu de gloria e de bondade, que, para honra do artista e da terra em que ele nasceu, pode reduzir-se á triunfante singeleza deste *Corriculum-vitæ:*

Mestres—*Antonio Costa, Guilherme Correia, Cabanal e Francisco Pradilla.*

Escolas—*Superior de Pintura do Porto e Beaux Arts de Paris.*

Quadros principaes—*Morte de Burks—S. Estanislau — Os Tigres — A Azalea — A Maternidad — Senhora da Guia — O Porto.*

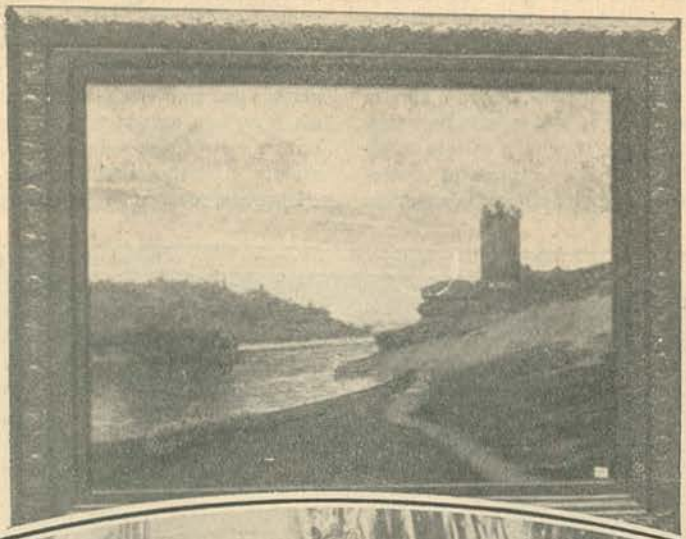
Museus publicos — *National Galery of Melbourne — Arte Contemporanea de Lisboa, Municipal do Porto.*

Medalhas — *Ouro, Londres 1889—Ouro, Bruxelas 1899 — 3.ª medalha Paris 1900.*

Artur de Sousa Loureiro — *Nasceu no Porto em 11 de Fevereiro de 1853.*

Filho do medico dr. Francisco Loureiro e irmão do jornalista e panfletario Urbano Loureiro.

Fez na Escola Superior de Pintura de S Lazaro, hoje Escola de Betas-Artes do Porto, em 1870, a prova equivalente ao 5.º ano de Desenho Histo-

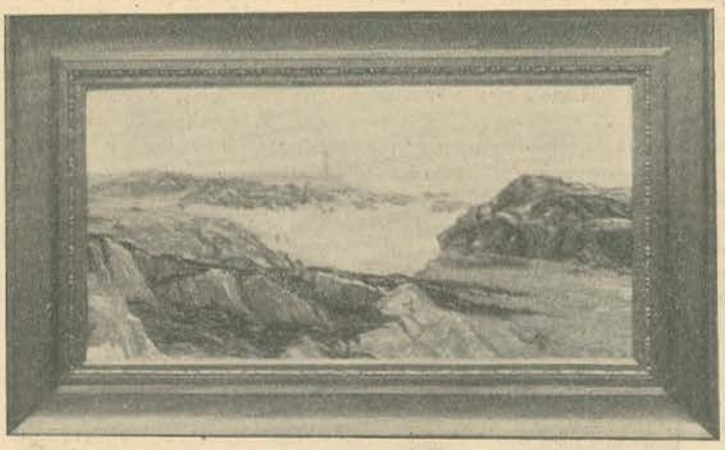


O CASTELO DA LAPELA (o mais antigo castelo de Portugal e um dos ultimos quadros de Artur Loureiro)
Os promotores da homenagem a Artur Loureiro, vendo-se, ao centro, o velho pintor Antonio Costa e a filhinha mais nova do artista

rico, e matriculou-se no 1.º ano de Pintura no ano de 1871.

Foi ao concurso de pensionista do Estado, com Silva Porto, no ano de 1873, na classe de paisagem, do qual requereu desistencia na ocasião do julgamento do mesmo concurso.

Em 1875 concorre na Academia de Belas Artes de Lisboa, com Malhôa, á pensão de Roma, e, anulado o concurso, parte para a Italia, subsidiado por Delfim Guedes (Conde de Almedina).



A FOZ DO DOURO, quadro de Artur Loureiro

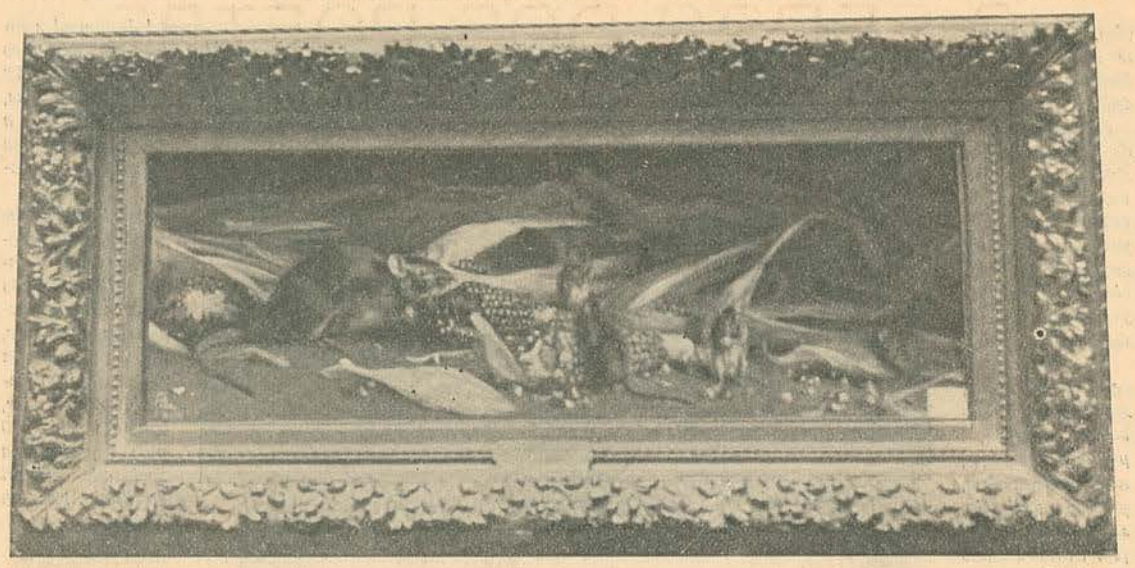
Em 1879 concorre em Lisboa com Columbano Bordalo Pinheiro e Condeixa á pensão de Paris e, classificado em primeiro logar, entra no atelier de Cabanel, expondo no Salon de 1880, 1881 e 1882, ao lado dos seus condiscipulos francezes Bastien Lepage, Henri Martin, Harpignies e Henri Pantin e dos seus companheiros portugueses Silva Porto, Antonio Ramalho, Sousa Pinto e Columbano.

Em 1882 parte para Londres onde expõe na Goupil e segue para a Australia, Melbourne, onde é contratado para professor de desenho da PRESBYTERIAN LADIES ACADEMY, mantendo-se ali, premiado em todas as exposições australianas, membro de juris e HORS CONCOURS, obtendo a 1.ª medalha de oiro na Exposição de Condres em 1889 com o quadro DEATHOF BURKS, medalha de oiro no Duranel de Bruxelas em 1899 com o quadro S. ESTASNISLAU DE KOTSKA, que, em 1900, obtem a 3.ª medalha, na Exposição de Paris.

Em 1901 fixa-se no Porto, abre atelier-escola no Palacio de Cristal e, não concorrendo a exposições colectivas, faz anualmente a sua exposição individual no atelier, tendo feito em 1920 uma exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa.

E agora, com os seus ultimos trabalhos, não tendo perdido nenhuma das suas qualidades, não tendo esbatido nenhum dos seus dotes, não tendo amesquinhado nenhum dos seus recursos e tendo requintado e quintessenceado todos os prodigios da sua palheta, na paizagem, Artur Loureiro mostra-se um artista forte e amoravel, produzindo na tela, com ternura e sensibilidade, a alma e a expressão, o sentimento e a côr das terras lindas deste lindo Norte de Portugal—e deste Porto, nevoento e sujo, tortuoso e fetido, Artur Loureiro, á força de talento e de tecnica, depois de ter arrancado um poema de luz e de côr a uma *Pedreira da Afurada*, traça a pinceladas largas e fortes de impressoi-

As alunas de Artur Loureiro posando para o fotografo da Ilustração, *junto ao auto-retrato do Mestre*



HISTORIA COMTEMPORANEA, quadro de Artur Loureiro

nista, uma epopea apotéotica de luminosidade e de nebelina, cantando, com a policromia magica dos seus pinceis, numa obra prima de concepção e de factura, o seu amor pela sua terra, pelo Porto dos seus encantos e dos seus amores, pelo Porto onde nasceu e onde quer morrer—porque nele lhe nasceram e morreram as primeiras esperanças e as ultimas ilusões.

A tela *O Porto* não é só uma formidavel obra de Arte, que faria a consagração dum grande paisagista em qualquer parte do mundo—é a alma da urbe, o cantico glorioso das suas tradições, interpretado, em ritimos suavissimos de luz, pelo pincel portentoso do maior dos artistas portuenses, que, antes de morrer, no ocaso dos seus setenta janeiros, quiz mostrar ás gerações vindoiras como era bela e grande, luminosa e linda a cidade em que nascera e havia de morrer um grande Artista, uma grande Alma, que a vida inteira, amando, sobretudo a sua Arte, consagrou a sua Arte e o seu Amor, ao Porto—a sua terra.

E se, como paisagista, ele pintou e interpretou o Porto, pode dizer-se que, tratando-se de animaes, como animalista pintou e retratou o país inteiro, do norte ao sul, do Terreiro do Paço á Falperra, nesse friso estupendo da *Historia Contemporanea*, que, mais do que uma ninhada de ratos, na céva das massarocas do milho, é a flagrante e véra efigie de toda uma época, na sintese plastica da bombocha *post-belum* de novos ricos e velhos açambarcadores, vendo na pitança, no milho rubro das realezas, no milho loiro das cearas, o sangue dos vencidos, o suco da terra, o suor, o tutano e força da humanidade.

ARTUR LOUREIRO EM 1873

O Porto é uma tela que não pode pertencer senão ao Porto—e o seu logar está marcado na *cimaise* de honra do Museu Municipal, mas a *Historia Contemporanea*, não pertencendo só ao Porto, não pertencendo, afinal, só a Portugal, emquanto a Liga das Nações não criar nichos e verbas para um Museu Internacional para as obras-primas da Arte Cosmopolita, aquela soberba ninhada de ratos, tem de fazer estagio, fóra da ratoeira, ahi em Lisboa, ao pé da Arcada, no velho Museu de S. Francisco...

Braz BURITY.

Secção Editorial de O SECULO

BOAS MANEIRAS
(Manual de civilidade)
8.º vol. da «Enciclopedia Porque Como e Para que»

QUO VADIS
de Henrick Sienkiewiez
4.º vol. da «Colecção de Romances Ilustrados»

A sairem brevemente

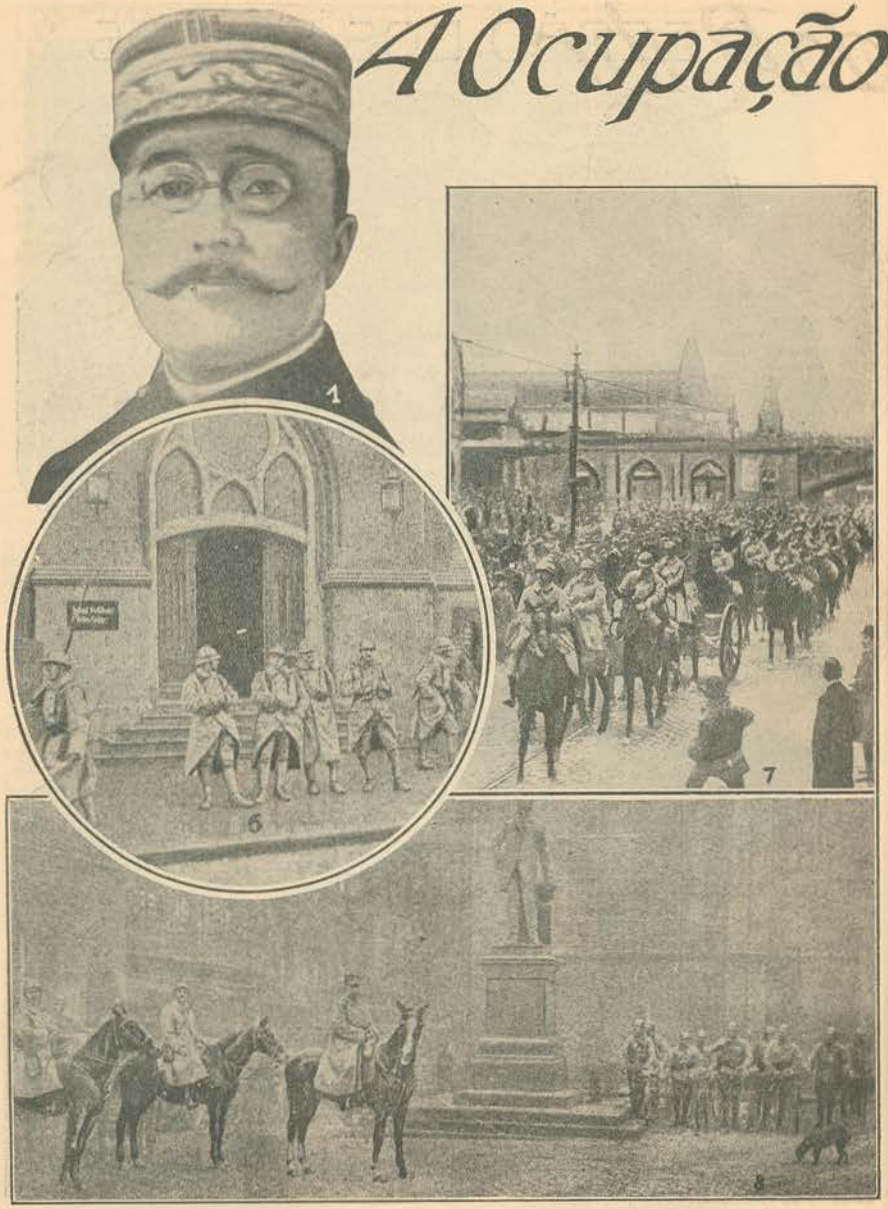
O SERÃO DOS POETAS

Cristovam Aires, João de Barros, Jaime Cortezão, Candido de Figueiredo, Eugenio de Castro, Alfredo da Cunha, Antonio Corr ia d'Oliveira, Manuel da Silva Gaio, Julio Dantas, Henrique Lopes de Mendonça, Julio Brandão e (no medalhão) o Reitor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Antonio Luiz Gomes

Por iniciativa do sr. dr. Julio Dantas, recentemente eleito presidente da Academia das Sciencias, inaugurará, hoje, sta douta agremiação, os seus trabalhos do ano corrente com um Serão dos Poetas, recordando, assim, esquec das tradições academicas.

Com o nosso aplauso pela idéa, de todo o ponto interessante, damos os retratos dos vates que tomarão parte no Serão, do seu organisador, e ainda do reitor da Universidade de Coimbra, que veiu expressamente a Lisboa assistir á festa, a um tempo intelectual e mundana, d'esta noite.

A Ocupação do Ruhr



1. General Degoutte, comandante em chefe das forças d'ocupação. — 2. General Henrys, comandante das divisões d'ocupação. — 3. General Lignelot, comandante d'uma das divisões d'infantaria. — 4. General Fournier, comandante da outra divisão de infantaria. — 5. General Raupon, comandante da divisão de cavalaria. — 6. Soldados franceses de guarda ao Sindicato dos Carvões no Ruhr. — 7. Uma força de artilharia passando em frente da estação do Caminho de ferro de Essen. — 8. O estado maior francez em frente dos paços do concelho de Essen, vendo-se, ao fundo, o monumento a Alfredo Krupp. — 9. Uma das divisões de infantaria francesa aguardando, n'um bosque proximo de Essen, a ordem de entrar na cidade. — 10. Um esquadrão de guias belgas, partindo para o Ruhr. — 11. Bateria de peças de 75, instalada nos terrenos de uma fabrica de Essen.

(Cliches «L'Illustration», «Excelsior», e «The Times».)

Dramaturgia Exotica

COMO o teatro Nacional —, de qual nação será bem dificil dizer-se, visto o seu repertorio tornar-se quasi só espanhol, francez, inglez, etc., e, agora, do Canadá, — depois do leque da *lady* ponha a seguir o *mister* e finja passar entre procelanas de mau cartão, figuras pretensas de chinezes verdadeiros, a dramaturgia sino-japonesa á baila deve vir — não como por aí anda em citações. As gravuras desta pagina são como que um reflexo desse teatro, onde não se passa o que dizem passar-se... Pouco difere do que era nos principios do seculo passado. Não se se atravessam facilmente as muralhas enormes de Pekin.

O exotico oriental tem adeptos ocidentaes e, ha pouco, para os efeitos, a França poz o seu *Paulo e Virginia* no palco. E cá, bastante havia onde ir procurar e condimentar para esse genero. Que *Wu* não passa dum meodrama, sem nenhum inedito.

Mas, o imperio tipografico decreta tão só meia duzia de linhas para preencher esta pagina. Apenas, pois, umas notas concisas — a completar...

As peças chinesas são animadas por uma quantidade enorme de personagens. Na antiga pantomima, a seguir a «peça em desordem» (sarwgakon), acompanhada de musica, eles, introduziram o dialogo dramatico, que os japoneses lhe imitaram. E' o sentimento da natureza, o amor da terra natal e principalmente o orgulho guerreiro que as domina. A condição dos actores, até ha pouco era má: despresados, eram classificados como se nos dissessemos: uma cabeça de actor, duas cabeças, etc. O escritor Foukonbelsi modificou um pouco esse processo. As peças europeas só são aceites adaptadas aos costumes locaes, tendo alusões aos casos do dia: o *Julio Cesar*, de Skakespear, enorme exito quando do assassino do ministro Torou. E assim. D'outra maneira não tem publico.

O palco esta sempre cheio de coisas, acessorios quedois andrajosos mudam: cadeiras, tronos, feixes de bambus, que representa a margem dum regato. Outras convenções bem simples: o actor que faz o gesto de soltar uma chave abre uma porta; o amoroso que levanta um pé salta um muro... O publico compreende bem tudo isso. Servem-lhe oloroso chá sem açucar nos intervalos.

As palavras pronunciadas pelos actores são de ordinario violentas. Ha sempre um recitativo cantado, cuja musica é mais delirante que o *jazz band* mais rapido e bulhento.

O actor celebre é, presentemente Méi-Lan-Fan, gloria e amor da China. E querem saber quaes são os seus papeis? De mulher! E a sua virtuosidade nessa materia é extraordinaria. Pode essa metamorfose do sexo confinar com o sacrilegio, mas uma graça sem o menor equivoco se reflete ainda em seus gestos e atitudes. E' o idolo. Os exotimos que lá mostram são bem dissimilhantes.

José PARREIRA

O pesadelo dum heroe, numa peça de intuitos comicos

Em cima:

Um palco que se vai arranjar e um ensaio preparado

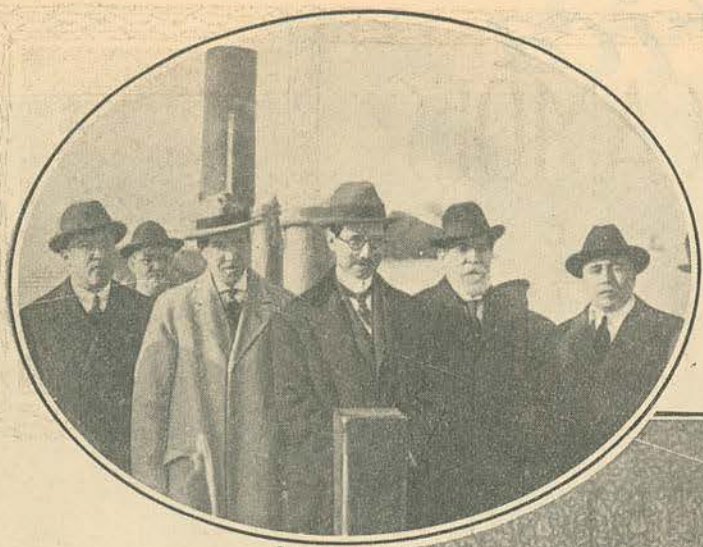
No medalhão:

A' porta da casa do chá, depois de iluminar a lanterna com hieroglifos

Em baixo:

Uma actriz que escreve um papel dificil de representar

Brasileiros ilustres de passagem por Lisboa

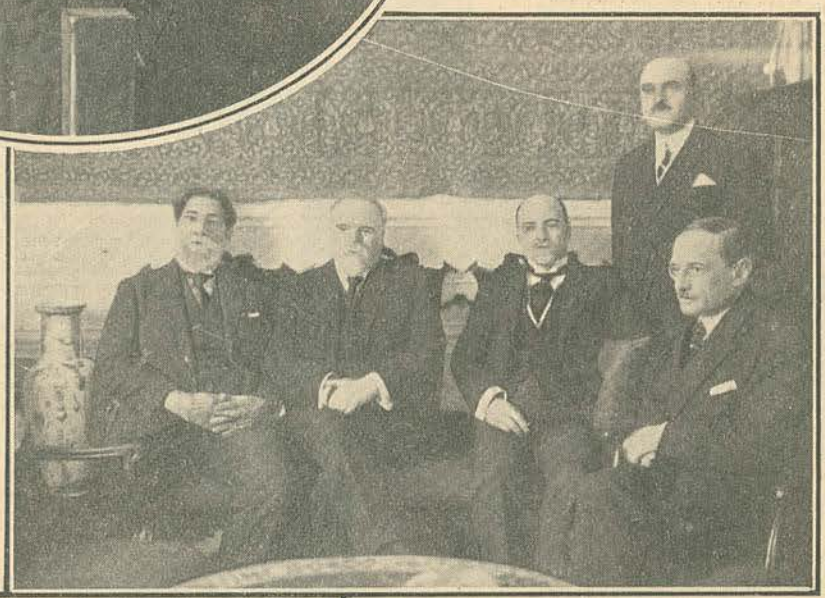


bordo do vapor «Voador»:

Os srs. Raul Veiga, ex-presidente do Estado do Rio, e Irineu Machado, senador federal pelo mesmo Estado, tendo á direita o sr. Macedo Soares, secretario da Embaixada do Brasil em Lisboa, e, á esquerda, o chefe do gabinete do sr. ministro dos Negocios Estrangeiros

Em casa do sr. Presidente da Republica:

O sr. dr. Antonio José d'Almeida dando a direita ao sr. Irineu Machado e a esquerda ao sr. Embaixador do Brasil. A' esquerda d'este o sr. João de Barros e entre os dois, de pé, o secretario da Presidencia, sr. Jaime Athias



Os alunos premiados: Rebelo d'Almeida (2.º premio), Emilia Fernandes (1.º premio) e Anita Sacramento (1.º premio)

Escola da Arte de Representar

No teatro Nacional realisou-se, no domingo ultimo, a distribuição de premios aos alunos do Conservatorio que terminaram o seu curso, no ano findo, com distinção, tendo presidido ao acto o sr. ministro da Instrução e assistido, além do director d'aquele estabelecimento de ensino artistico, sr. dr. Julio Dantas, os professores da Escola de Arte de Representar.

Usaram da palavra, por ocasião da entrega dos diplomas, o sr. dr. Julio Dantas que fez, nos mais elogiosos termos a apresentação dos alunos premiados, e o sr. dr. João Camoesas, que dissertou sobre a Arte, na sua funcção social, referindo-se egualmente, com caloroso elogio, ao esforço empregado pelos alunos do Conservatorio, os quaes, trabalhando e ilustrando-se, não só pessoalmente se nobilitam e impõem, como honram o paiz.

Ao mesmo tempo efectuou-se a primeira audição popular gratuita d'esta epoca, da Escola de Arte de Representar, constituindo o programa da tarde a repetição, pelos alunos premiados, das provas já prestadas, ou seja o ultimo acto do drama *Adriana Lecouvreur*, em que tomou parte a aluna Emilia Fernandes, o 2.º acto da *Triste Viuvinha*, prova da aluna Anita Sacramento, e o 3.º acto da *Morgadinha de Val Flôr*, prova do aluno Alberto Rebelo de Almeida.

Com os referidos alunos contracenaram varios artistas e os proprios professores, tendo decorrido a audição por entre o maior interesse da assistencia que enchia por completo o teatro e aplaudiu calorosamente os novos artistas.

PARALELO HISTORICO

UM dia destes, ao ler as varias biografias dispersas sobre o nosso Camões, surgiu-me ao alcance da vista a maravilhosa biografia de Cervantes por Navarrete. E destas duas leituras o que mais se me apresentou de notavel foi o estreito laço de afinidade que se encontra na vida dos dois maiores vultos da literatura peninsular.

I

Camões descende de uma ilustre e antiga familia da Galiza, chamada Camon. Cervantes procede igualmente de uma antiquissima e nobre casa da mesma provincia, conhecida pelo apellido de Cervatos.

II

O nome de Camões é corrupção de Camon, castelo na Galiza, e solar da casa dos antigos Camões.

Cervantes é tambem corrupção de S. Servando, castelo pertencente á familia do autôr do *D. Quixote*.

III

Varias cidades disputaram entre si a honra de ter sido o berço de Luiz de Camões, até que Manoel de Faria e Sousa poz definitivamente termo á questão, mostrando, por assentos achados no arquivos publicos, que a Lisboa pertencia aquela gloria.

Madrid, Sevilha, Lucena, Toledo, Esquivias, Alcazar de S. Juan e Consuegra reclamaram, por muito tempo, a mesma prerogativa a respeito de Cervantes, mas D. Vicente de los Rios descobriu por diversos documentos, inclusivamente o assento de seu batismo, que em nenhum destes lugares, mas sim em Alcalá de Henares ele nascera.

IV

Camões saiu da sua patria e foi servir como simples soldado para estranhas regiões, onde se distinguiu por seu valor.

Cervantes militou com muita distinção fóra da sua patria, na qualidade de soldado razo.

V

Camões perdeu um olho em uma jornada naval contra os mouros.

Cervantes perdeu uma mão na famosa batalha naval de Lepanto.

VI

Diz-se que o cantor dos *Lusiadas* fôra acusado de malversação no lugar que servira, em Macau, de Provedor dos Defuntos, preso, e obrigado a dar contas, de que saiu honrosamente absolto.

Cervantes sofreu igual acusação, como Comissario do Provedor das Galeras e Armadas, de que saiu com a sua honra illibada, e solto da cadeia, em que por isso o tinham encerrado.

VII

Camões foi resgatado, por duzentos cruzados, da prisão em que o tinha metido o seu credor Pedro Barreto.

Cervantes foi resgatado, por seis mil setecentos e setenta reales, do cativeiro que sofreu, em Argel, durante cinco anos.

VIII

O poema *Lusiadas* teve as duas primeiras impressões no mesmo ano, no mesmo lugar, no mesmo formato e pelo mesmo impressor.

O mesmo, literalmente, aconteceu com a primeira parte do famoso *D. Quixote de la Mancha*.

IX

Faria e Sousa foi o primeiro que notou a existencia das duas edições dos *Lusiadas*, observando a avidez com que foi acolhida aquela imortal obra. Depois de outros literatos terem posteriormente falado nestas duas edições, o Morgado Mateus, na sua edição em 8.°, feita em Paris, se preza de as ter colecionado e aproveitado as suas variantes.

Navarrete, depois de apontar a 2.ª edição do *D. Quixote* (em Madrid, 1605—4.°, por D. Juan da Costa), diz: E' muito notavel esta edição por ser feita no mesmo lugar, ano e formato, e pelo mesmo impressor da primeira: prova do aplauso com que se recebeu o *Quixote*, e da extraordinaria extração que teve.» O sr. Borwb disse depois de citar a anterior: «Consta que houve outra do mesmo lugar e formato — porém Pellier, ainda que citou esta noticia, não poude certificar-se da sua exactidão. Eu porém consegui examinar e cotejar exemplares de ambas as edições, e não só são distintas, senão que a Academia poude aproveitar muitas variantes da segunda.»

X

Antigos editores de Camões tiveram a ousadia de alterar o titulo que ele tinha dado ao seu poema. Assim, ao que ele chamou *Os Lusiadas*, chamaram eles *As Lusiadas* e *A Lusiada*, alteração ignorante que durou até muito tempo. Todas as antigas traduções deste poema verteram o titulo errado, e só ha muito pouco tempo lhe restituiram o verdadeiro, o italiano Briccolani, o alemão Donner e o francês Millié.

Editores houve que mudaram o titulo que Cervantes tinha dado á sua obra, chamando-lhe — *Vida e Hechos del injenioso caballero D. Quijote &c.*—em vez de—*El injenioso hidalgo D. Quijote &c.* — Esta alteração foi julgada essencial pela Academia Espanhola. Algumas traduções se fizeram com o titulo alterado.

XI

Os Lusiadas teem sido varias vezes traduzidos em espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, dinamarquês, russo, latim e hebraico, e não me ocorre agora quantas edições até hoje tem essa obra.

D. Quixote foi vertido em português, italiano, francês, inglês, alemão e não sei se mais em alguma lingua.

XII

Camões teve um zoilo no Padre José Agostinho de Macedo, que tendo vociferado contra este grande homem, tentou escurecer a sua fama, compondo um poema heroico ao mesmo assunto dos *Lusiadas*.

Avellanada, ou como se supõe, um frade mascarado com este nome, ainda em vida do autor do *D. Quixote* publicou uma segunda parte deste engenhoso livro, insultando Cervantes, cuja gloria julgou ter ofuscado.

XIII

Camões acabou seus dias sepultado na mais profunda miseria.

Cervantes teve a mesma sorte.

Luiz de Camões tem sido até hoje, na nossa literatura, o mais brilhante engenho, assim como na Espanha Miguel de Cervantes é o carater mais ilustre.

Empunham ambos, nos seus respectivos paises, o sceptro literario, desafiando a sua obra toda e qualquer rivalidade.

J. DE MIRANDA.

"Estrelas" e "Vozes" do Cinema

OBTEVE grande exito, no meio parisiense, o «film» americano «Perseguido», da «Fox-Film», uma interessante historia policial, habilmente semeada de movimentadas aventuras. A «mise en scene» e a fotografia impecaveis e harmonicas. No desempenho sobresai Georges Walch, que tem ocasião de mostrar o seu bom jogo fisionómico e as suas excelentes qualidades de atleta. E', segundo a imprensa franceza, um dos «films», essencialmente americanos, que maiores sucessos teem obtido em Paris.

— A «Boneca quebrada», da Cosmograph, é um «film» alemão de que a originalidade é manifesta. Uma pequena historia fantastica que nos faz pensar no Extremo Oriente, donde é uma verdadeira evocação.

A interpretação é magnifica e os efeitos de luz lindos. Werner Krauss, o creador da pelicula «Caligari», é o protagonista desta fita dum género completamente novo.

— «Os oprimidos», de Henry Roussel, não obstante editado pela casa americana Paramonut, e desempenhado por espanhois alguns dos seus papeis, é um «film» nitidamente francez, segundo se afirma uma bela obra, devendo ser exibido longamente nos «écrans» de todo o mundo. A montagem da pelicula é colossal, vendo-se no decorrer de diversas scenas um constante poder artistico e um profundo ambiente dramatico. O sentimento de todas as fases da pelicula demonstram uma rara e penetrante sensibilidade.

Sem duvida, Raquel Meller, pequena, de cabelos cortados, não tem absolutamente o fisico sonhado para aquela personagem, mas, que de mobilidade de rosto, que riqueza de expressões! Ainda Roanne e Schultz são dignos de grandes elogios.

— A Pathé Consortium Cinema decidiu transportar para o «écran» a celebre obra de Cervantes: «D. Quichotte de la Mancha», que será apresentada ao publico em dezembro do corrente ano.

A formosa actriz italiana do cinema sentimental, Francesca Bertini

Uma das scenas do film Marion, magnifica creação da grande estrela italiana, Francesca Bertini

André Lionel, estrela de grande fulgôr no ceu do écran

A grande actriz André Lionel na curiosa pelicula L'ecran brizé, extraida dum romance de Henry Bordeaux e que ela desempenhou superiormente

Gabriela Robinne, da Comédie Française, e o esplendido actor francez Alexandre no desempenho do film A flôr do mal.

FIGURAS & FACTOS

Dr. Manuel Ferreira de Castro

Ilustre clinico e professor, falecido em 19 do corrente

Uma parte da elegante assistencia ao «chá de caridade» efectuado, no dia 20, na salas da Liga Naval

Aspecto do anfiteatro da Escola Militar, por ocasião da conferencia sobre educação física, alli realizada, no domingo transacto, pelo tenente sr. Henrique Galvão

A Comissão Central dos Funcionarios do Estado e a Direcção da Associação de Classe dos mesmos funcionarios, acompanhadas de grande numero destes, de todas as categorias, fizeram entrega, no dia 17 do corrente, no Parlamento, aos presidentes da Camara dos Deputados e do Senado, de uma representação contendo as suas reclamações determinadas pelas dificuldades resultantes do constante agravamento do custo de vida

Dr Gomes Teixeira (á direita)

Eminente homem de sciencias, que, a convite de varias Universidades francezas, realizará, em março proximo, conferencias scientificas nas mesmas Universidades

Atilio Serra (á esquerda)

Ilustre ministro de Italia em Lisboa. Acaba de ser chamado ao seu paiz, parecendo que deixará o cargo que com tanta competencia e brilho aqui vinha desempenhando

Egreja do convento de S. Domingos, em Villa Real de Traz-os-Montes, (estilo romano, anterior ao seculo XII) que será a futura Sé, pela creação da nova diocese.

General Moraes Sarmento

Antigo comandante da Escola Militar, a quem vão ser entregues, solenemente, as insignias da Grã-Cruz da Torre e Espada

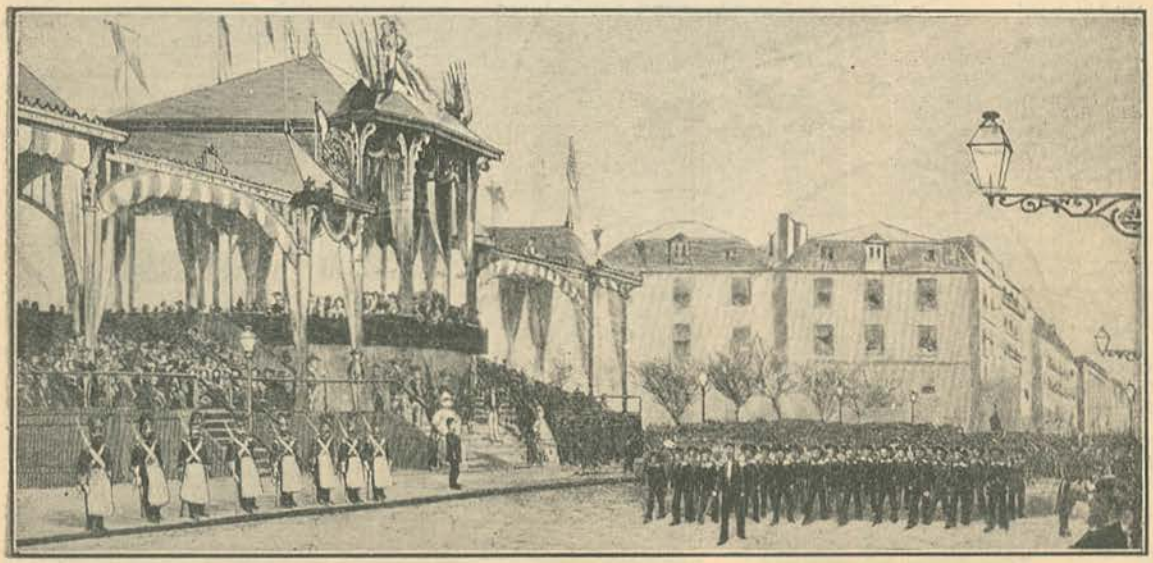
Aspecto geral da interessante exposição de tapetes turcos, confeccionados por senhoras portuguezas, que tem estado instalada no stand Rugeroni & Rugeroni, no Rocio

Ha Muitos Anos...

Visita a Lisboa dos soberanos espanhoes em Janeiro de 1882

Um aspecto da tourada, oferecida pelo sr. Alfredo Anjos aos reis de Espanha e realizada, na praça do Campo de Sant'Ana, em 15

O fogo d'artificio no Tejo, na noite de 13



A parada do dia 14.—As tropas desfilando deante da tribuna real, levantada na Praça de D. Pedro

(Desenhos de Antonio Ramalho — *O Ocidente* de 21-I-1882.)

UÏU-LI-CHANG, como percebereis por esta combinação monosilabica, é chinês; nessa qualidade, é vingativo, astuto, sanguinario e muito respeitador da memoria de seus avós, aos quais ergueu um altar lá em casa, com uma camasinha bruxuleante e um buda de papelão, revelador dos fracos recursos scenograficos da celeste republica. E' tambem Uïu-Li-Chang mandarim da primeira classe, senhor de muitas propriedades rusticas e urbanas, duma casa cheia de louças e outros objectos orientais, adquiridos na rua Augusta, dum jardim que já serviu em certa peça japonêza no Nacional, e duma filha casadoira, a menina Nang-Ping, linda como os amôres e toda puxada ás finezas, tratando o amante com todo o derretimento e consideração, na segunda pessoa do plural.

Caiu Uïu-Li-Chang na inepcia de franquiar o domicilio conjugal á familia de *mister* Ridgley, inglês, como igualmente percebereis, e tendo o dito *mister* um filho desempenado, o joven Walter, a menina Nang-Ping compara-o com os pápos-sê os chinêses, das suas relações, e o resultado da comparação é para todos uma grande fatalidade: mancebia clandestina, na reiva, por traz dos lotus, com grande escandalo dos peixinhos encarnados, vingança paterna, de que adeante se falará e falecimento inesperado, decorativo e aparatoso do referido Chang, por meio duma chicara de chá muito bem temperadinho com um veneno providencial para a honestidade periclitante das damas inglêsas já entradas na idade madura. Tal é, nas suas linhas gerais, a peça *Mister Wu*, dos escritores britanicos Harry Vernon e Harold Owen, adaptada pelos italianos á dôce lingua de Gabriel de d'Annunzio — um sujeito que tem a honra de figurar no titulo dum livro, de braço dado com Antonio Ferro—e transportada para a nossa por Mario Duarte e Alberto Morais, sem ofensa digna de reparo, a não ser o enxerto duns *afazeres*, importados de França ou da Alemanha, por contrabando.

Ora nós não temos nada com questões de familias estranhas, de mais a mais tão distanciadas no mapa e na civilisação; no emtanto, dados os nossos interesses em Macau, no jogo do fantan, julgamos conveniente dizer duas coisas tesas ao Chang, que Vicnu tem a estas horas em sua santa guarda.

Amigo Chang: você foi um asno. Já aludimos á imprevidencia de receber de pontas a dentro um mancebo loiro, de nariz aquilino e olhos rasgados horisontalmente, em contraste com as carantonhas amarelas a que sua filha estava habituada. Que esperava, com a estopa inglêsa ao pé do fogo chinês? Surge a catastrofe, você mata a filha — que era aluna laureada do Conservatorio e dava tão bôas esperanças no teatro — e jura vingar-se, fazendo sofrer o Ridgley como você sofreu, olho por olho, dente por dente, na sua propria frase. Como se vinga? Cevando a sua ferocidade na Vitoriasinha, filha do Ridgley, apetitosa como um morango fresco? Não: contra a sua afirmativa, contra o bom gosto, até, tenta violentar *mistr ss* Ridgley, cujo olho e cujo dente não sofre parelelos com os de Nang-Ping e cuja deshonra poderá causar grande arrelia no seu inimigo, mas não é irreparavel, como seria a da pequena, se o pae a não dotasse convenientemente. Vamos adeante, seu patéta. Então lá na China não se sabe que uma mulher se vence menos pela violencia do que pelas bôas maneiras, em que os filhos do sol são peritos? Você consegue que a mulher do Ridgley vá a sua casa; mete-a na sua loja de louças, e em vez de se tornar amavel, prega-lhe a estopada da historia do sabre de seus avós, quasi tão repetida como a do sabre do papá da *Graã-Duqueza*, enfada-a mais de meia hora a mostrar-lhe bujigangas, dizendo os respectivos preços, apontando-lhe um pato do Bardalo e explicando-lhe que o pato, na China, é o simbolo da fidelidade conjugal — que até parece um remoque para arreliar a pobre senhora—e só tem para com ela uma delicadeza: oferece-lhe chá, que lhe deve saber muito bem, quando está desesperada por não saber a sorte do filho! Ora bolas, seu Chang duma figa!

Mas não fica por aqui a sua imprevidencia, ou estupidez, como melhor se deva chamar. Para que mandou construir uma casa com portas de bandeira, á europeia, disparate de arquitectura que deve ter feito estremecer de horror os manes de Confucio? As consequencias não podiam deixar de ser funestas para você: fossem elas como todas as outras portas chinêsas e teria evitado que a criada de *mistr ss* Rigdley atirasse á ama com o frasco do veneno embrulhado na mantilha, e estaria você a estas horas vivo e são, a rir-se do seu inimigo e a mandar-lhe incendiar os Transportes Maritimos! Não, Chang! você não foi inteligente — e onde a sua obsecação chegou ao maximo, foi quando, tendo visto o frasco do veneno sobre a mesa, sem prever o que qualquer moço de esquina europeu preveria, tirou a chicara da mão da velhota e bebeu o chá! Essa é de capitão-mór da *Morgadinha*, amigo Chang!

Deixemos sem comentarios mais aquele disparate de ensinar á *mistress* o meio de chamar o filho, com as duas pancadas de tam-tam, mais a infantilidade de tirar as balas da pistola do Walter para entrega-la desarmada, não se sabe para quê, e punhamos ponto nestas desenfastiadas linhas, lamentando não poder louvar *mistress* Rigdley pela sua resistencia, porque em tais circunstancias todas as mulheres fariam o mesmo, embora esganiçando-se menos do que a respeitavel senhora — e aconselhando *mister* Ridgley a que dê uma boa sova no Walter, para não desinquietar meninas de boas familias, sabendo que não pode casar com elas, e a que ponha no seguro os navios, a filha e a mulher. Quanto a esta, para evitar despezas de mais, basta que a se ure emquanto estiver na China: na Europa não corre perigo.

Mario COSTA.

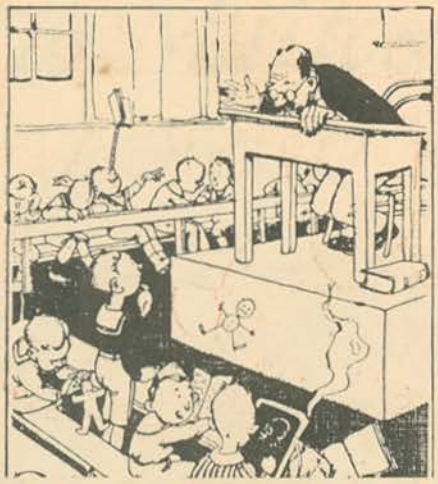
O actor Clemente Pinto no papel de Mister Uïu

—

Ah! já nos esquecia...

Antes de termos presenciado as desgraças acontecidas a Uïu-Li-Chang, assistimos a uma scena domestica, *O homem que passa*, na qual Leitão de Barros quiz experimentar na scena a mão costumada ao pincel. Vê-se que tem o habito da aguarela, de côres pouco vivas e sem grandes exigencias de desenho: não borrou a pintura.

M. C.



O professor — Quantos ossos tem no corpo?
O aluno — Duzentos e oito!
O professor — Estupido! Não te disse já que são duzentos e sete?!...
O aluno — Sim senhor, mas eu, hontem, engulli um, na sopa...

(De *Bueno Humor* — Madrid.)

— Não sei o que tem este cão que, quando minha mulher se senta ao piano, começa logo a ladrar!...
— E' boa! O que ele tem é cara de inteligente.

(De *Guara Viva* — Madrid.)

SEARA ALHEIA

Uma voz debaixo d'um chapeu — Viva! Ao menos cumpri mente, de passagem!...
O transeunte — Mil perdões, minha querida amiga... Como não lhe via a cara e não a conheço pelas pernas...

(De *London Opinion* — Londres.)

— Pae! Pae! A mãe caiu dentro da dorna!
— Rai's a partam! Lá me estragou o vinho novo!

(De *Le Rire* — Paris.)

— Afinal, não sei que marca hei-de escolher...
— Bem te conheço! Acabas por lewar-me de electrico!...

(De *Bueno Humor* — Madrid.)

— Está visto! Para duas pessoas se casarem, é preciso serem parentes. Não vês? O avô, casou com a avó, o papá, com a mamã...

(De *L'Intransigeant* — Paris.)

O solteirão — Descobriu-se a telegrafia sem fios e ainda não se descobriu a maneira de pregar um botão sem *enfiar* a agulha!...

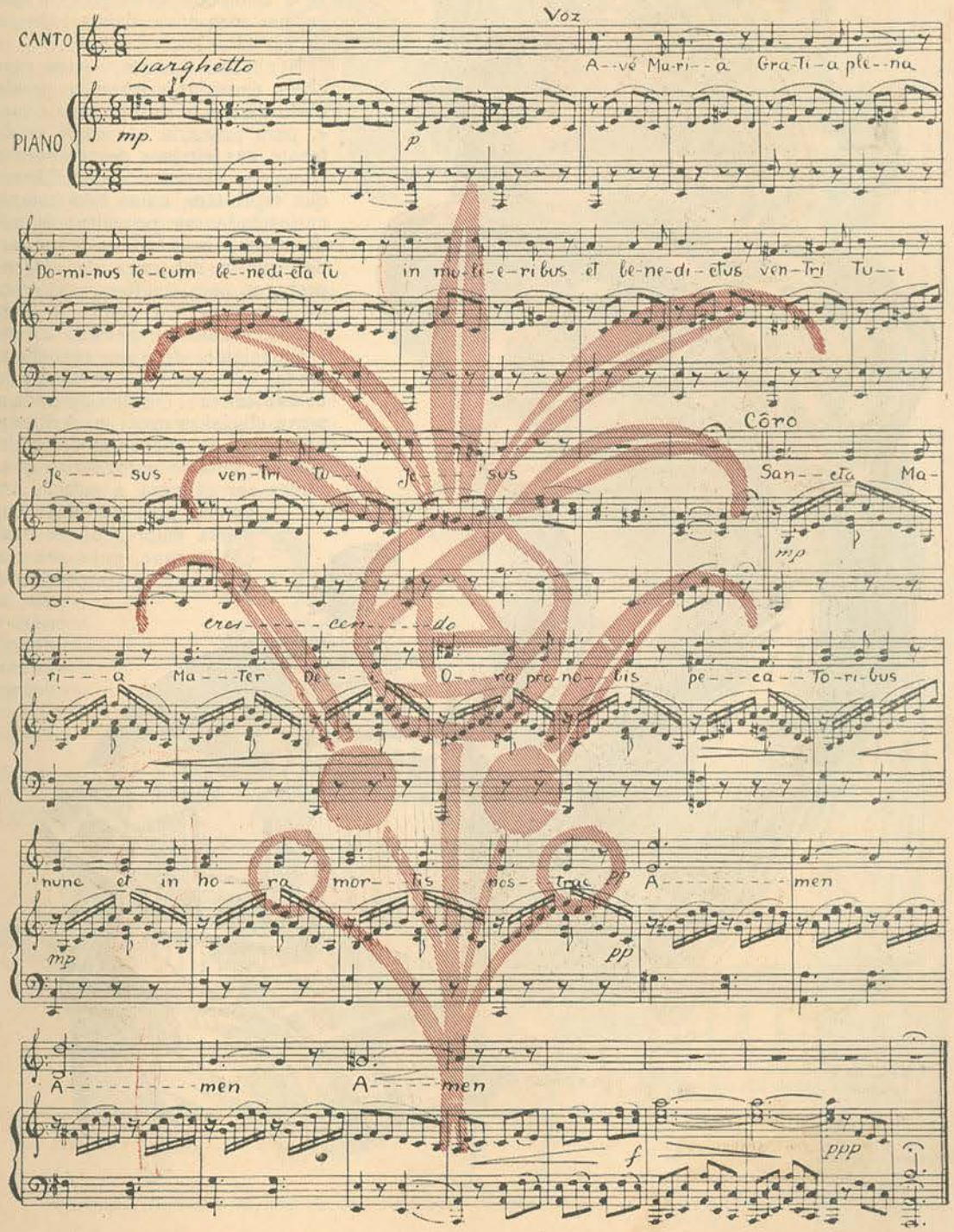
(De *Strix*, Estocolmo.)

PAGINA MUSICAL

(Op. 949)

AVÉ MARIA

João Mineiro



Pagina Elegante

Chapeus!

Que mulher elegante consegue eximir-se á influencia desta palavra que sintetisa, nas suas duas silabas, todo um mundo de garridice?

Nenhuma, decerto, — com excepção, é claro, daquelas a quem o uso desse gracioso elemento do chic não é familiar, — e, para prova, é vêr como se detêm em frente das vitrines dos grandes estabelecimentos, dezenas de mulheres lindas, que espreitam, numa bem compreensivel curiosidade, as primeiras manifestações da moda primaveril, as primeiras novidades que a soberana da elegancia lhes preparou para «coiffer», com graça e arte, as suas cabecitas gentis, já fatigadas da severidade dos chapeus de inverno.

Entretanto, devemos reconhecer que a moda, este ano, não se apresenta muito comunicativa... Entrincheirada numa reserva glacial, a maga maravilhosa vai-nos apresentando apenas modelos de fim de estação, uma ou outra fórma que se reconhece ser já para a estação transitoria apenas pela qualidade da materia prima empregada na sua confecção, porque, pelo que respeita ao genero de guarnições e de disposição, não diferem dos modelos que nos foram oferecidos no começo do inverno. A missão da cronista, porém, impõe-lhe, como condição principal de exito, a indiscreção. E' preciso que ela saiba penetrar os misterios que barram a acção investigadora, que force a golpes de astucia o segredo em que se pretende conservar a ideia que regerá a elegancia futura, e assim, a nossa subtileza lá foi penetrando nos meandros reconditos em que a moda se refugiou, para ali surpreender um ou outro promenor interessante e digno de divulgação.

A colheita não foi abundante, não... mas, emfim, emquanto não conseguimos mais ampla informação sobre o que a moda nos prepara para os chapeus de meia estação, eis o que conseguimos apurar: As fórmas apresentarão, na grande maioria, dimensões medias; nem muito amplas, a buscarem prematuros sombreados para a frescura do rosto, nem muito pequenas, a apoucarem a disposição artistica da «silhouette». E aguardemos que a moda continue trabalhando em segredo...

AGARENA DE LEÃO

Chapeu de panne tête de nègre ornamentado com um laço de fita no mesmo tom

Elegante parure *em nansouk, aplicações e bordados de* guipure

Chapeu de palha preta ornamentado com um pouf de avestruz

Grupo de elegantes blusas

AQUI SE DIRÁ DOS LIVROS CUJOS AUTORES, ENVIANDO-OS Á BIBLIOTECA DA *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*, MANIFESTEM O DESEJO DE SER FALADOS

ONDE SE CONVERSARÁ COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TUDO E O MAIS QUE OCORRER.

SOL DE INVERNO, por Antonio Feijó

Os ultimos versos do artista admiravel a quem devemos o *Cancioneiro chinez* estavam coligidos, coordenados, prontos para a estampa, com o titulo de *Sol de inverno*, quando a morte prostrou o poeta, já então vivendo apenas da saudade da esposa que ele idolatrava e perdera poucos meses antes. Antonio Feijó não resistiu ao grande golpe que nele vibrou o desaparecimento da formosissima senhora, modelo perfeito de graça e virtudes, á qual havia ligado a sua existencia. Assim não chegou a ver impresso o *Sol de inverno*, colectanea de poemas em que os aristocraticos requintes da sua arte se patenteiam com exuberancia. Nos versos de Antonio Feijó aliam-se os primores da fórma á delicadeza dos conceitos, por vezes profundos e sempre belos e eternecedores. Foi o ultimo parnasiano. Este volume postumo traz um magnifico prefacio de Luiz de Magalhães, escritor eminente, amigo intimo do poeta, cujo perfil faz avultar com uma segurança de traço de que só seria capaz quem como o filho de José Estevam maneja a lingua e como ele houvesse sido fraterno camarada de Antonio Feijó desde os bancos escolares. A seguir ao prefacio, encontra-se a comunicação lida na Academia Brazileira de Letras, em 1917, com o titulo «Antonio Feijó, o que morreu de amor», por Alberto de Oliveira, diplomata e poeta, como o autor do *Sol de inverno*. Nessa comunicação engastam se trechos de cartas intimas por Alberto de Oliveira recebidas e que refletem o coração e a alma, tão cheios de melindrosa sensibilidade, daquele que não logrou sobreviver á doce companheira, sua musa e sua deusa, a quem este livro é consagrado. A edição do *Sol de inverno* acha-se enriquecida tambem com retratos de Antonio Feijó e de sua mulher.

Antonio Feijó

O CREPUSCULO DA SAUDADE
por Mariano Gracias

A' sua já longa bibliografia poetica juntou agora o sr. Mariano Gracias mais um volume, intitulado *O crepusculo da saudade*. Os meritos literarios afirmados em trabalhos anteriores continuam a evidenciar-se nas composições de vario metro que encerra esta interessante coletanea. O sr. Mariano Gracias é um lirico que sabe ferir com delicadeza e ternura a nota dos sentimentos intimos. Algumas das suas imagens são de incontestavel beleza e a circunstancia do poeta ser um portuguez filho do oriente mais remoto influiu decerto para que assim acontecesse. Se em *O crepusculo da saudade* nem tudo é ouro purissimo, não faltam, no entanto, as joias de preço. Velhos moldes, sem duvida; mas inspiração natural e, em regra, dominio da arte que o sr. Mariano Gracias ha trinta anos cultiva. Edição da «Portugalia».

M. Gracias

BELLAH— Deu-se, de facto, um erro tipografico no soneto Tres Tempos, *de V. Ex.ª. Aqui fica a rectificação:*

Onde se lê

Volvo os olhos receosos ao passado

Deve ler-se

Volvo os olhos *saudosos* ao passado.

Sem duvida que fica melhor e é como estava. As nossas desculpas a V. Ex.ª e aos leitores.

Quanto á sua nova poesia, é muito extensa. Estamos ás ordens de V. Ex.ª mas para o que for comportavel com o espaço de que dispomos.

H. S. de O. — Não desgostamos do seu soneto, mas pode fazer melhor. A ave mimosa *(se bem lemos) é de mau gosto.*

MARTA DE M. C. LIMA. — São muito bons os seus sonetos. O que se intitula Humildade *é do melhor que por cá tem aparecido. Com grande prazer lhe afirmamos a nossa admiração.*

J. M. de C. (Leiria).—E' assim que se começa, é. Por cá que não chega á craveira.

J. DE BRAGANÇA. — Quer uma opinião? Não faça sonetos. Nem versos.

«Faça outra coisa, que em suma,
Não fazer coisa nenhuma
Tambem lhe não aconselho...»

J. O. C. — A sua composição é sentida e está metricamente certa. Classificámo-la com 10 valores. Ja vê que não foi reprovada, mas aqui não passa ninguem pela tangente. *Venha coisa melhor, porque pode faze-la.*

ROTA DE ESTRELAS

(Homenagem aos aviadores)

O menino Luiz Moreira de Sá Ferreira da Costa, Sá, tudante liceal, neto do grande musico Moreira de Sá, tem um periodico manuscrito intitulado *A alma portugueza*, e quiz consagrar um numero aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Pediu para, essa homenagem, a colaboração de um grande numero de pessoas celebres e obteve-a de poetas, prosadores, publicistas, professores, artistas, oradores, homens publicos... Decidiu, então, constituir um album que intitulou *Rota de estrelas* e no qual figuram os escritos dos seus eminentes colaboradores com as assinaturas autografas. A esplendida edição atesta o entusiasmo do promotor que, tão moço, soube vibrar de intenso patriotismo perante o glorioso feito. O pequeno estudante portuense pode orgulhar-se de uma iniciativa simpatica entre as que mais o sejam e ha de ter calado no animo dos heroes da travessia aerea do Atlantico.

A. de A.

Luiz Moreira de Sá F. da Costa

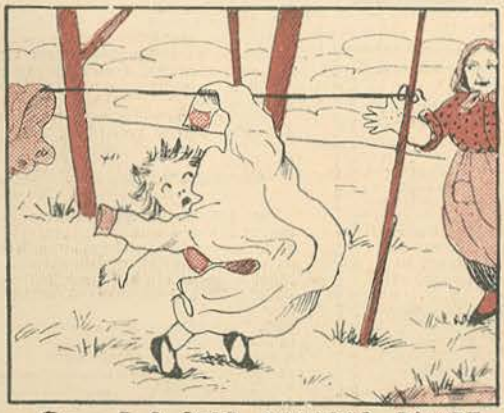
BÉBÉ É MUITO MEDROSO

1-BÉBÉ VAE AO RIBEIRO COM A SE-NHORA MARIA.

2- A LAVADEIRA CANTA E BÉBÉ ADORMECE.

3-O VENTO ACORDA BÉBÉ E BÉBÉ VÊ DEANTE DE SI UM FANTASMA...

4-... QUE SE MEXE, LHE ABRE OS BRAÇOS...



5-... E O QUER AGARRAR, TALVEZ PARA O COMER!..

6-NÃO VÊ QUE É UMA CAMISA DO SEU PAPÁ!?

ESFINGIA

Não procure muito longe,
Isto aqui o certifico,
Tem o guerreiro e o monge,
Tem o pobre tem o rico —2

Faz tanta falta o conceito
Como faz p'ra boca o pão,
Por falta d'ele co'efeito
Vae-se a consideração.

Leiria *Florido*

Decifrações das producções publicadas no numero transato:

Charadas em verso: Dislates, Pseudonimo, Rebolo, Regabofe.
Enigma pitoresco: Entrelaçado.
Logogrifo: Camelia, sómente.

ENIGMA

Eu sou nome de mulher,
E apelido tambem sou;
Junto mesmo a certa côr,
No infinito céu estou.

Instrumento sempre fui,
Porém, raro e pouco usado,
E tambem um certo bolo,
Muito fino e afamado.

Tem tres silabas meu todo,
Letras sete, e nada mais,
Sendo quatro consoantes,
E as outras, gemeas, vogaes.

Dois liricos

*

CHARADAS EM VERSO

(Réplica a Lucia Lima)

Adorada senhora:
Minha réplica
Concisa e franca, pede a vossa tréplica!
Convem-me a noiva. Passo, pois, a expôr
As razões. Atenção, faça favor:
E' velha, é alquebrada, muito bem!
Mulher assim, não tentará ninguem!
Não tem, sequer, um dente! E' uma fada!
Assim, não ferrará sua dentada!
Tem rugas e é corcunda? Mas que relevo!
Dá-me a idéa d'um mapa em relevo!
E' peor que uma serpente? Disse á boa!
Tratar-me-ha com carinho, porque é boa!
Coxa do pé direito? Que bom dote!
Sou um apaixonado pelo *Fox-troter!*
Tem cabelos pintados? Que gadelha!
Emfim! Stá bem! E' proprio de velha!
Tem olhos tortos? E não os arranca?
Vae p'ra sala. Dirão:—«Bela carranca!
Tem dividas em barda? Nada mais?
Não faz mal! Sou amigo de animaes!...
Mora em agua furtada? E' uma lança
Em Africa! Por causa da v'zinhança!
E para mais de *borla!* Diabo meu!
Conde Bardo? Tão perto do liceu!

.....

Serve-me, porque noiva assim, que bela!
Dar-ma-ha *massa* a ganhar no Coliseu!

.....

Monfort! Aqui p'ra nós: Isto é cruel!—2
Ter a peor mulher cá de Lisboa,—3
Enche de bilis o saco do fel!
Raça barbuda, diz você? E' boa!
Emfim! Responderá a raridade?
Monfort! Monfort! Que grande *crueldade!*
E, agora, á estonteante... seductora:

.....

Au revoir, minha senhora!

Josolicos

*

Meu ilustre director
D'esta sublime secção,
Eu vos peço, por favor
A vossa autorização.

Para entrar n'esta *cantiga*
Com o meu fraco saber,
Pois que, se quer que vos diga,
Duas notas deve ser.—1

*

CHARADAS EM FRASE

Dá sempre nota desagradavel o maroto do meu bicho quando vae atravessar o rio.—1—2

Diogenes

Espreitando por este tubo, vê-se uma vogal e uma embarcação.—2—1.

Selfar

Quem foi o Deus forte da manifestação?—1—1—1.

Porto *Ocirema*

*

*

QUADRO DE HONRA

Tia Aldina—F. S. Torres—Vasco Reia—Pam—Lucia Lima—Osorrab—Sant'ana—Cordeirinho—ama ocular—Club do Silencio—Adiragram—Duarte, Santos & Ribeiro—Violett—A. B. C.—Raio solar—Fabricio & Temóteo—Um portuense—Dó sustenido—C. Sillel—N. N.—Gil Vaz—Castor & Polux—Selfar—Rui Barbo—Ferraz, Ferrão & Ferreira—Camelia azul—M. V. Torres—B. T. L.

Campeões decifradores do penultimo numero charadistico.

LOGOGRIFO

Dedicado á eximia colega «Dama Oculta»

Sobre os versos *Chisantemos*, de Frei Reis Sousa

Adoro-os em segredo, e sofro, e sofro imenso
Se os vejo ao abandono,—8—7—9—1—4—10.
Chorando, á tarde, o seu pesar intenso
Na placidez do outono.

Lamento o seu viver triste, obscuro,
Em jarros de cristal,
Mostrando ainda o exotismo puro
Do seu paiz natal.—9—8—11—4—3—C—10—6.

Hão de sofrer com magua torturante
As tristes nostalgias—6—8—U—7—8—7—13—6.
Da terra oriental do sol brilhante,
De mais formosos dias.

Palidamente tristes descorados,
Ou rubros e flamantes,
São para mim uns pobres desterrados
De regiões distantes.—8—2—5—9.

Puzeram-n'os, ha dias, no caixão
De *alguem* que se finára;
Julguei vêl-os sorrir, pela missão
Que Deus lhes confiára.—3—1—13—4—12—8—11—8

Engrinaldar tão santa creatura...
Que mais podiam q'rer?...
Com *Ela* foram, pois, p'rá sepultura,
Deixaram de sofrer...

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portugueza* as decifrações das producções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar producções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocio.

—Todas as producções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes quer sejam ou não publicados, não se restituem.

Correspondencia da Esfingia

Tia Aldina—V. Ex.ª fala-me em gralhas?!... Creia que acho mais possibilidade no moto-continuo, ou a descoberta da pedra filosofal, que no extreminio radical e completo do peor mal que invade toda a Imprensa: A maldita gralha!...

Na *Ilustração* não ha razão de queixa, muito menos na «Esfingia», se bem que *a maior vitima* sou eu, demais, nas charadas em verso, que o leitor inteligente, facilmente terá compreendido. E' só isto...

Vasco Reia.—O que V. Ex.ª me propõe é sinonimo de suborno, que a minha consciencia não pode aceitar. Desculpe-me esta franqueza, sim?...